

RESENHA

FREITAS, Luís Carlos de. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. São Paulo, Papyrus, 11^o edição 1995.

Anderson Gomes Peixoto¹

Klever Corrente Silva²

Publicado pela Papyrus, “Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática” é um livro escrito por Luiz Carlos de Freitas (1995) que é resultado de sua tese de livre docência defendida em 1994 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a banca examinadora recomendou fortemente a sua publicação. O autor do livro atualmente é professor titular (aposentado) da UNICAMP. Atua na área de Educação, com ênfase em Avaliação da Aprendizagem e de Sistemas.

Nesta obra, o autor traz algumas reflexões sobre didática e o processo pedagógico, além de definir a categoria avaliação como a chave para compreensão e transformação da escola atual, fazendo críticas ao neoliberalismo. O autor analisa diversas obras de autores da área da didática, apontando seus pontos fortes e inconsistências. Por fim, nesta obra, o autor reúne um conjunto de estudos realizados com a finalidade de aproximação do fenômeno da avaliação.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Brasília - UnB. MBA em Engenharia de Software (UNIEURO - 2014). Especialista em Gestão e Orientação Educacional (UNEB - 2014). Especialista em Docência do Ensino Profissional e Superior (UNEB - 2014). Bacharel em Sistemas de Informação (Faculdade Projeção - 2011). Licenciado em Pedagogia (IESA - 2015). Licenciado em Educação Profissional (IFB - 2017). <https://orcid.org/0000-0003-3964-4551>

² Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (2019). Especialista em Orientação Profissional e de Carreira pela Faculdade Futura (2019), Especialista em Docência do Ensino Superior (2016) e em Gestão Escolar (2015) pela IESA. Bacharel em Administração pela FAJESU (2013), Licenciado em Pedagogia pela IESA (2015) e Licenciado em Educação Profissional pelo IFB (2017). Foi professor temporário de Administração na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e professor substituto de Gestão no Instituto Federal de Brasília (IFB). Atualmente é Professor de Educação Básica na SEEDF, na função de Especialista Pedagógico da equipe de Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (EMTI) do Distrito Federal. <https://orcid.org/0000-0003-4813-1862>

O livro é dividido em três capítulos. No primeiro, capítulo o autor apresenta o problema que orienta esta obra e dialoga com alguns autores do campo da didática. No segundo capítulo apresenta os parâmetros teórico-metodológicos que norteiam a obra. O terceiro capítulo reúne alguns estudos realizados sobre a avaliação.

O primeiro capítulo, denominado “Caracterizando o problema”, tem o intuito de dialogar com outras autoras, referências na área de didática, para que seja feita uma abordagem voltada para os problemas tratados na obra.

O autor utiliza obras de diversas autoras para fazer um contraponto entre a Didática Fundamental dos anos 80 e a Didática Instrumental dos anos 70. Ao dialogar com essas obras, depreende-se que a Didática Fundamental emerge de um amplo movimento de reação à didática que tem como base a neutralidade. Ela se baseia em uma perspectiva multidimensional e que articula as diversas dimensões do processo de ensino-aprendizagem. A reconstrução da prática, suas múltiplas dimensões, contradições e dinamismo “são características marcantes na Didática Fundamental, ou seja, a necessidade de olhar para a realidade tendo como base suas “dimensões” fundamentais (ou de seus elementos estruturantes)” (FREITAS, 1995, p. 23). Por fim, A Didática Instrumental é caracterizada por ser convencional, formalizada e descontextualizada e tem como base a neutralidade.

Ao analisar as obras das autoras, Freitas conclui que os textos utilizados em sua análise apresentam uma perspectiva crítica em relação à sociedade capitalista, porém não apresentam nenhuma proposta de mudança para a sociedade atual e nem configuram um sistema explicativo como ocorre, por exemplo, com a Pedagogia Histórico-Crítica e com a Pedagógica dos Conflitos Sociais.

Com relação à Pedagogia Histórico-Crítica, o autor faz uma análise de obras de três autores, iniciando por Libâneo. De início chama a atenção do autor o fato de Libâneo tomar a escola capitalista como referência para a “categoria aula” sem apresentar críticas a essa forma de organização escolar.

Libâneo apresenta uma “espiral” composta pela relação entre professor, aluno e matéria. Freitas nos chama a atenção de que esse esquema é o mesmo da escola capitalista, não propondo nenhum avanço. Para Freitas, Libâneo, “ao tentar compreender o fenômeno ‘aula’, termina “aprisionado” por ele” (FREITAS, 1995, p. 33). A “fixação de Libâneo pela aula acaba comprometendo boa parte dos esforços do autor, isto ocorre pelo fato do autor estar impregnado de uma visão em que a organização da escola está baseada na aula. Agindo dessa maneira Freitas acredita que Libâneo legitima a atual estrutura da escola capitalista, em que ~~onde~~ não existe a unicidade entre teoria e prática, adicionando apenas que o conteúdo da escola deve ser crítico.

Por fim, Freitas analisa que a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, defendida por Libâneo, ao focalizar sua reflexão nos conteúdos críticos, acaba ofuscando a prática social do estudante, levando a crer que é apenas suficiente problematizar os conteúdos em sala de aula.

Além da obra de Libâneo, são analisadas as obras de Wachowicz e Veiga, ainda no âmbito da Pedagogia Histórico-Crítica. Para o autor essas obras são um contraponto a pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, sendo uma rejeição ao formalismo na didática.

O último ponto abordado no primeiro capítulo, é a pedagogia dos Conflitos Sociais. O autor analisa a obra de Martins, por ter uma visão mais próxima da área de didática. A Pedagogia dos Conflitos Sociais vincula a escola na esfera de produção e na mais-valia. Martins defende que professores e estudantes devem tornar-se sujeitos e objetos no processo de construção do conhecimento e no controle sobre esse processo. Para Freitas essa pedagogia tem sua principal dificuldade na maneira radical como entende a atuação das determinações do capitalismo sobre a escola. “Nesse projeto a visão de escola acaba se aproximando de uma proposta reprodutivista, estando a escola ‘contaminada’ pela cultura da burguesia e pela organização do trabalho escolar, devendo ser recriada pela ação autônoma dos trabalhadores com base em suas próprias instituições” (FREITAS, 1995, p. 56).

É no segundo capítulo que o autor se dedica à discussão sobre

os parâmetros teórico-metodológicos empregados em sua investigação em quatro eixos: apresenta alguns parâmetros metodológicos gerais; discute alguns conceitos relativos à Ciência Pedagógica, à Didática e à Interdisciplinaridade, como própria forma de produzir conhecimento nestas áreas; introduz o estudo de algumas categorias da escola, que registram aspectos relevantes da atual forma de organização do trabalho pedagógico; e, por fim, analisa o contexto da escola e de sua organização do trabalho defronte às novas exigências educacionais do capitalismo.

O autor apresenta críticas à metodologia de pesquisa empirista/positivista, cuja neutralidade é amplamente questionada nas ciências sociais, e ao enfoque fenomenológico, que tende a restringir-se à descrição e interpretação da realidade dos envolvidos. Freitas declara que o materialismo histórico-dialético conduzirá a sua pesquisa, por conta das características envolvidas no procedimento metodológico: uma análise crítica que parte de uma realidade concreta, real e situada em uma totalidade histórica e social, que busca identificar as contradições da prática e das suas possibilidades de superação.

Freitas aborda aspectos como a ciência pedagógica e a didática, a interdisciplinaridade, a organização do trabalho pedagógico, as categorias avaliação-objetivos, conteúdo-método da escola, de unidade metodológica e de auto-organização e as imposições pelo sistema capitalista à educação. O autor declara que, para se compreender a organização do trabalho pedagógico da escola capitalista, o par dialético avaliação-objetivos é uma categoria fundamental, visto que ela explicita os objetivos da sociedade. Denuncia-se a seletividade do sistema e a função social real que a avaliação desempenha, alicerçando-se no conceito de eliminação adiada do sociólogo Pierre Bourdieu. Nesse sentido, a resistência é fundamental para que a realidade de classe não determine o destino escolar dos estudantes.

Freitas discorre também sobre o surgimento da nova direita internacional, com atributos neoliberais e neoconservadores, e como esse fenômeno se relaciona com as transformações e crises que se desenrolam no sistema capitalista. O autor

desvela que esse espectro político se empenha em desabonar a resistência e o debate político e ideológico no seio da intelectualidade. Todo esse esforço envidado rebate na educação brasileira ao identificar-se o alastramento da Qualidade Total na educação, o Plano Decenal de Educação e a Revisão Curricular.

É notório o interesse do capital pela educação, diante das novas exigências do padrão de exploração capitalista, e é uma oportunidade histórica aproveitar esse interesse à luz do projeto histórico claro e compromissado com a classe trabalhadora.

No terceiro capítulo, denominado: a categoria avaliação/objetivos, o autor define que essa categoria é a chave para compreensão e transformação da escola, visto que, o desenvolvimento dos conteúdos/métodos, estão modulados pela categoria avaliação/objetivos. O autor apresenta o que seria a avaliação formal e a avaliação informal. A primeira é aquela que utiliza instrumentos explícitos de avaliação e que irá gerar resultados que podem ser examinados, já a segunda, é entendida como a construção de juízos de valores sobre os estudantes por parte do professor. A avaliação informal interfere nos resultados da avaliação formal, visto que o juízo de valores que o professor possui do estudante, interfere diretamente na relação entre ambos e no processo de ensino-aprendizagem.

Também são apresentados neste capítulo dois estudos realizados no Laboratório de Observação e Estudos Descritivos (LOED), com a finalidade de conseguir uma aproximação do fenômeno avaliação. São apresentados também um resumo dos estudos conduzidos por outros pesquisadores no LOED.

No geral, os estudos mostram a configuração da avaliação e abordam os seus agentes e sua abrangência em sala de aula. A sala de aula é um campo de conflitos e a avaliação institucional, disciplinar e de valores possuem um papel central. Esses conflitos fundamentam-se nas relações de poder. Em sala de aula, esse conflito é materializado pelo poder que o professor tem no processo avaliativo, pois muitas vezes a avaliação ainda é utilizada pelos professores como

forma de punir os estudantes. A avaliação informal ou “avaliação dos valores” é bem presente na prática educativa, e essa avaliação interfere diretamente no processo de aprendizagem dos estudantes, avalia-se mais a pessoa do aluno do que sua aprendizagem.

Urge a necessidade de encontrar na escola um espaço para surgimento de um novo sistema social, devendo envolver toda a sociedade nesse movimento de transformação. Espaços de reflexão coletiva, unicidade entre teoria e prática, participação ativa de toda a comunidade escolar e a avaliação/objetivos como categoria central podem ser o caminho para uma nova organização do trabalho pedagógico. O livro é didático, instigante e foi bem estruturado. O autor apresenta contextualizações, conceitos, contradições e críticas para elucidar a importância da avaliação na organização do trabalho pedagógico e da didática, buscando a superação do atual modelo de sociedade e de escola excludente.

Um diferencial da abordagem adotada pelo autor para tratar da temática é que ele aponta críticas e fragilidades nos escritos de profusos autores e as disparidades de condições sociais, desvelando aspectos de alijamento, frente a uma educação emancipadora.

Entende-se que a obra pode contribuir para a formação de professores, proporcionando momentos de reflexão e de mudanças frente à sua prática pedagógica. Muitos aspectos abordados pelo autor poderão ser constatados e ratificados pela experiência dos docentes-leitores.

Este livro é, portanto, um convite para que todos os professores se sintam comprometidos com uma educação que esteja atenta às demandas da sociedade, visando que todos possam nela se inserir e transformá-la, tornando-a mais justa e democrática.